

As enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul como acontecimento: uma análise da cobertura jornalística nos jornais *online* GZH e Folha de São Paulo¹

Laurent de Lima Keller ²

Rejane de Oliveira Pozobon³

Resumo expandido

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul (RS) foi atingido por volumes de chuva acima do comum, resultando em enchentes, destruições e perdas humanas por todo estado. Ao final deste mês, dia 31 mais especificamente, a Defesa Civil (2024) informou que, dos 497 municípios, 473 foram afetados de alguma forma pelas chuvas, mais de 39 mil pessoas estavam em abrigos e 580 mil desalojadas; 806 pessoas ficaram feridas, 44 estavam desaparecidas e 169 morreram. Ao todo, mais de dois milhões de gaúchos foram afetados, número bastante significativo considerando que o estado tem 11,3 milhões de habitantes. Conseqüentemente, a tragédia passou a ser pautada a todo momento, sob diversos recortes discursivos.

A partir deste panorama, interessamo-nos em compreender por meio de quais características as enchentes de maio se configuraram como acontecimento jornalístico e, conseqüentemente, como ele foi abordado discursivamente pelos veículos GZH e Folha de São Paulo. Dessa forma, nosso trabalho objetiva compreender quais estratégias discursivas estão sendo acionadas pelos veículos para executar a cobertura jornalística de eventos climáticos extremos, por meio do objeto de estudo enchentes de maio de 2024 no RS, a fim de verificar se o Jornalismo tem produzido tal tipo de

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático C - Estratégias comunicacionais em eventos climáticos extremos do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 04 a 06 de dezembro de 2024.

² Acadêmica de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); e-mail: laurent.keller@acad.ufsm.br.

³ Professora Titular do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2007), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2002), Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (2000) e Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria (1998); e-mail: rejanepozobon@gmail.com.

cobertura de maneira adequada ou se está havendo falhas em relação à prática deste segmento do Jornalismo Ambiental.

Metodologia

Para atingir tal objetivo, o trabalho se compôs metodologicamente por uma revisão bibliográfica de uma série de autores em torno dos elementos constituintes de um acontecimento, para então ser possível traçarmos um panorama dos aspectos mais relevantes para que nosso objeto de estudo seja compreendido como tal. Em seguida, fizemos uma conceituação acerca do que caracteriza uma cobertura jornalística de evento climático extremo, para então partirmos para uma análise quali-quantitativa sobre a construção discursiva nos jornais citados, em torno das publicações feitas entre os dias primeiro e 31 de maio de 2024. A fim de elencarmos somente notícias vinculadas ao nosso objeto de estudo, utilizamos como *tag* no buscador dos sites ‘chuva no RS’. Como resultado, na GZH encontramos 2676 publicações vinculadas às enchentes de maio, distribuídas em 18 editorias, enquanto na Folha de São Paulo foram publicadas 149 matérias, em 13 editorias. Por conta do número elevado de publicações, para análise qualitativa elencamos uma parcela apenas das publicações feitas para observação.

Para escolhermos os jornais a serem analisados, elencamos dois veículos de jornalismo com atuação *online* e relevância, tanto para a pauta em questão, quanto para a abrangência nacional. O Jornal GZH é o maior jornal do estado gaúcho e ocupa o quinto lugar no *ranking* nacional, enquanto a Folha de São Paulo desponta como o principal *site* de notícias brasileiro, com bastante discrepância para o segundo colocado⁴.

Caracterização de acontecimento

Para que seja possível realizarmos a análise das estratégias discursivas aplicadas à cobertura das enchentes de maio de 2024 no RS, é preciso primeiramente compreender por quais razões este

⁴ Segundo pesquisa de 2023 do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a Folha de São Paulo lidera o *ranking* dos jornais com maiores assinaturas *online*: o veículo possui 755 mil assinantes, número bem mais elevado que o segundo colocado (O Globo), que possui 347 mil. A GZH está em quinto lugar, com 114 mil assinantes virtuais. (PODER 360, 2024)

acontecimento foi amplamente pautado pelos veículos de comunicação, o que implica entendermos como o ocorrido se caracteriza enquanto acontecimento.

A partir de uma revisão bibliográfica em torno do que culmina em um acontecimento (CHARAUDEAU, 2013; QUERÉ, 2005; PÊCHEUX, 1983, *apud* OLIVEIRA e CORTES, 2023), traçamos um panorama dos pontos mais relevantes para que nosso objeto de estudo se classifique como tal. Essencialmente, a caracterização do acontecimento depende do contexto de envolvimento individual com as pessoas para ganhar significado e relevância, ou seja, seu nível de afetação. Entende-se que a transição de fato para acontecimento se forma por meio do recorte que é feito do fato, que, por sua vez, depende das circunstâncias de conexão entre fato e indivíduo, segundo Charaudeau (2013, p. 95).

Sob uma perspectiva complementar, o pensador francês Michel Pêcheux (1983, *apud* OLIVEIRA e CORTES, 2023, p. 496) enxerga o acontecimento como um conectivo entre a atualidade e a memória coletiva, esta última compreendida a partir de suas diversas vertentes, como memória mítica, social e histórica. Dessa maneira, os acontecimentos e questões do passado acionados à memória do sujeito por ocorrência de um fato qualquer, em conjunto com suas circunstâncias particulares de vida, acabam por influenciar no modo que este fato se formulará enquanto acontecimento para essa pessoa.

Em consonância a isso que Pêcheux (2008 [1983], p. 19-20, *apud* DELA-SILVA e CARNEIRO, 2023, p. 5) explora o conceito de opacidade do acontecimento enquanto discurso. Essa ideia diz respeito à complexidade dada a um fato para que ele se torne acontecimento, por intermédio das diferentes possibilidades discursivas desenvolvidas pelos veículos jornalísticos.

Ainda em complemento a ideia de acontecimento, Quéré (2005) explica que ele nasce sempre de um desequilíbrio na ordem vigente do mundo: “têm natureza acontecimental aqueles eventos que instauram uma ruptura na sequência normal das coisas no mundo, que introduzem descontinuidade ou desordem naquilo que era outrora ordenado” (2005, *apud* FRANÇA e ALMEIDA, 2008, p. 6). Nesse sentido, por meio de suas particularidades, o acontecimento se individualiza e se diferencia dos demais (FRANÇA, 2011). Com tais aspectos em mente, é possível observarmos como as enchentes de maio no RS se configuram enquanto acontecimento.

Cobertura jornalística de eventos climáticos extremos

Ao observarmos o acontecimento enchentes de maio de 2024 no RS e os desdobramentos que causou em diferentes âmbitos, é possível enquadrá-lo como um evento climático extremo, conforme conceitua Amaral, Loose e Girardi (2020, p. 27):

eventos extremos são considerados os grandes desvios de um estado climático moderado, sendo um aspecto integrante da variabilidade climática. [...] Quando eventos extremos ocorrem em áreas vulneráveis ou de risco podem se transformar em desastres.

Conforme explicado pelas autoras, eventos climáticos extremos são causadores potenciais de desastres, tal qual aconteceu durante as enchentes: as cheias foram tão volumosas que atingiram áreas urbanas não preparadas para este tipo de ocorrência, provocando, conseqüentemente, estragos em residências, inutilização de espaços, perdas humanas, dentre outros prejuízos citados anteriormente neste trabalho.

Posto isso, analisar a cobertura jornalística do nosso objeto de estudo exige que compreendamos como a segmentação do Jornalismo Ambiental brasileiro tem realizado a cobertura de eventos extremos. Portanto, usando como referência Wilson Bueno (2007), o Jornalismo Ambiental é responsável por produzir, editar e publicar informações relacionadas a temas ambientais (como eventos climáticos extremos, mudanças climáticas ou consumo consciente) de forma que o público leigo seja capaz de compreender o assunto abordado. Nesse sentido, para a cobertura de eventos climáticos extremos é necessário que seja adotada uma linguagem acessível, para que os leitores entendam explicações técnicas sobre os fenômenos climáticos, sobre o que são tais fenômenos, como e por que ocorrem, assim como é preciso implementar uma visão multidisciplinar em torno da pauta, em que se inclua o seu contexto de desenvolvimento, desdobramentos e até possíveis soluções e formas de evitar sua repetição futura. Utilizando Bueno (2007) como referência para a abordagem do Jornalismo Ambiental, caracterizamos a cobertura jornalística de eventos climáticos extremos a partir do que o autor chama de síndromes: síndrome do zoom, síndrome da baleia encalhada, síndrome das indulgências verdes, síndrome do muro alto e síndrome da lattelização das fontes. Somando a isso, utilizamos o Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas (AMARAL e LOOSE, 2020) e as dicas para uma boa cobertura de eventos extremos, feita pela Paula Appolinario (2024), para elencarmos condutas adequadas ao tipo de cobertura em questão.

Com tais aportes teóricos, desenvolvemos uma análise discursiva, com base em Orlandi (2015), em torno das publicações feitas pelos jornais *online* GZH e Folha de São Paulo entre os dias primeiro e 31 de maio de 2024, em seus *sites*.

Justificativa

Conforme citado anteriormente, quase a totalidade (473 de 497 municípios) das cidades gaúchas foram atingidas pelas chuvas de maio, deixando, ao passar das enxurradas, estragos de longo prazo, alguns inclusive irreversíveis, como é o caso de famílias que perderam entes próximos. Nesse sentido, entende-se que o envolvimento dos indivíduos que residem no Rio Grande do Sul com o ocorrido foi consideravelmente grande, uma vez que ou você foi afetado diretamente pelas chuvas por meio do alagamento de uma casa e dificuldade para se deslocar na sua cidade, ou conhece alguém que foi atingido de modo significativo, ou acompanhou compulsivamente notícias sobre os estragos provocados pelas chuvas. Para além do povo gaúcho, os brasileiros do restante do país, enquanto cidadãos que compartilham de uma mesma nação, puseram-se no lugar daqueles que mais sofreram com as enchentes. Vale lembrar que, após o fato ter ganhado conhecimento geral, diariamente, no decorrer de maio, inúmeros veículos de relevância nacional pautaram a temática. Logo, entende-se que o acontecimento em questão possui extrema importância de análise sob a perspectiva histórica e documental do Rio Grande do Sul, sendo, por decorrência, necessário de ser observado pelo viés jornalístico. Isso porque, por meio desse objeto de estudo, é possível traçarmos panoramas comparativos com demais eventos climáticos extremos, que têm emergido com cada vez mais frequência nos últimos anos. Tal fato nos permite trazer à tona a discussão acerca de como desenvolvermos adequadamente o segmento do Jornalismo Ambiental para que realize a cobertura correta de eventos climáticos extremos. Afinal, a cobertura especializada de tais eventos tem se mostrado como um desdobramento do Jornalismo Ambiental recente, até porque o próprio Jornalismo Ambiental pode ser considerado uma segmentação recente do Jornalismo de modo geral (BELMONTE, 2020, p. 72).

Nesse sentido, compreender as características em torno da construção discursiva feita do acontecimento enchentes de maio de 2024 no RS auxiliar-nos-á, em trabalhos posteriores, a observar a qualidade da cobertura jornalística, em jornais *online* brasileiros, de eventos climáticos

extremos, fenômenos que têm se tornado cada vez mais frequentes no país, sendo, conseqüentemente, importantes de serem pensados pela perspectiva do Jornalismo.

Palavras-chave

Acontecimento jornalístico; evento climático extremo; cobertura jornalística; enchentes no RS; estratégias discursivas.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas. 2020.

APPOLINARIO, P. C. Os desastres entre a teoria e a prática: recomendações para a qualificação da cobertura jornalística. *In: 47º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Balneário Camboriú. Resumos [...].* São Paulo, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024.

BELMONTE, Roberto Villar. O Jornalismo Ambiental: Três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso. 2020.

BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio ambiente.** Curitiba. v. 15, 2007.

CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias.** 2. ed. São Paulo: Contexto. 2013. 285 p.

DEFESA CIVIL RS. **Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS - 31/5, 9h.** 2024. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-31-5-9h>. Acessado em: 03 jun. 2024.

DELA-SILVA, Silmara; CARNEIRO, Ceres Ferreira. Dos discursos da/na mídia: um percurso com Michel Pêcheux. **Linguagem em (Dis) curso,** v. 23, p. e-1982-4017-23-28, 2024.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea**, v. 6, n. 2, 2008.

FRANÇA, Vera Veiga. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, 2011.

PODER 360. **Com assinatura barata, jornais turbinam digital em 2023**. 2024. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/com-assinatura-barata-jornais-turbinam-digital-em-2023/>>. Acessado em: 30 mai. 2024.

OLIVEIRA, Lucinéia; CORTES, Gerenice. A covid-19 como acontecimento discursivo: um “carnaval” de sentidos nas mídias digitais. **RUA**, v. 29, n. 2, p. 493-512, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2012.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos, Lisboa**, v. 6, n. 6, p. 59-76, 2005.